

# JOSÉ MURILO DE CARVALHO

## *Pensador do Brasil*

**MARIA ALICE REZENDE DE CARVALHO**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**ALICIA IVANISSEVICH**

*Ciência Hoje/RJ*

A sociologia política e a história do Brasil devem ser imensamente gratas à matemática do ensino médio. Não fosse a reprovação no vestibular por um tropeço em uma equação de segundo grau, José Murilo de Carvalho teria cursado economia. Mas quis o destino – ou uma sólida educação voltada às humanidades – que um de nossos mais respeitados intelectuais seguisse pelas veredas das ciências sociais. Sorte nossa.

Mineiro de Piedade do Rio Grande, José Murilo nasceu em 1939 em uma modesta fazenda de gado leiteiro, sem luz elétrica nem água encanada, onde viveu até os 10 anos de idade. Segundo mais velho de 10 irmãos, lá teve uma infância dura, mas feliz. Tinha que participar das atividades rurais – tirar leite de manhã cedo – e das tarefas domésticas – recolher penicos e lavar os pés enlameados dos tios no fim da tarde. À noite, porém, havia espaço para a fantasia: com os irmãos, no chão de terra batida da cozinha, sentava-se junto ao fogo para ouvir as fantásticas histórias que Cecília, empregada analfabeta da casa, contava.

Andava e corria descalço pela propriedade fundada por seu bisavô e só foi calçar sapatos regularmente quando seu pai – que dava aulas aos filhos em meio às vacas – decidiu lhes dar uma educação formal. Aos 10 anos, José Murilo partiu com o irmão mais velho para o Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont (MG). “O regime de internato era duro”, lembra. “O seminário marcou minha formação”. Após cinco anos estudando sob o austero regime de frades franciscanos, novo destino, dessa vez mais longe: outro seminário, em Daltró Filho (RS), onde cursaria dois anos de filosofia.

José Murilo queria seguir a carreira de agronomia, mas, ciente de suas limitações na formação de exatas e biológicas, optou pela economia. Levou bomba em matemática. A alternativa mais próxima de sua educação clássica foi o curso de sociologia política, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Passou em segundo lugar. Seu brilho começava a aparecer.

Ainda estudante, publicou seu primeiro artigo, sobre o poder local em Barbacena (MG). A partir daí, viria uma sucessão de artigos, capítulos e livros de repercussão nacional. Muitos deles com tradução em outros países.

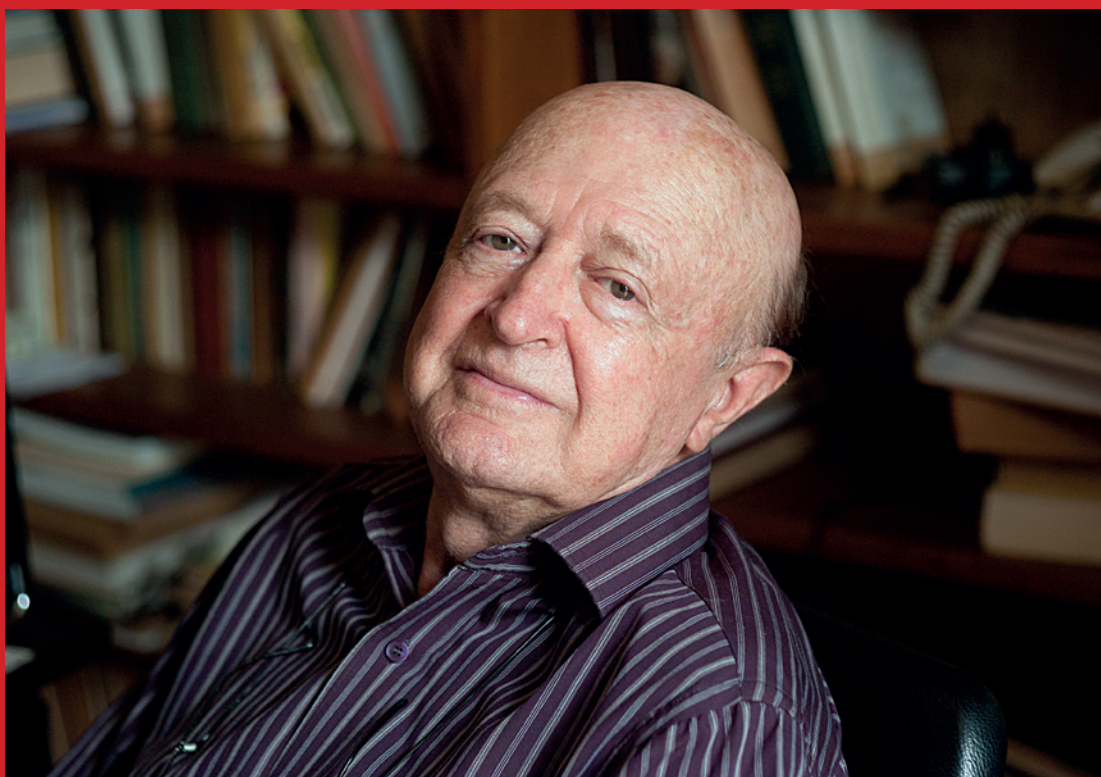


FOTO ZECA GUIMARÃES

Dissecou em suas obras o Brasil do Império e da Primeira República. Com elas, ganhou prêmios importantes, como o de melhor livro de 1988 da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs) – *Os bestializados* – e por duas vezes o Jabuti – em 1991, com *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, em 2008, com *Dom Pedro II: ser ou não ser*. Ganhou ainda o prêmio Casa de las Américas por *A cidadania no Brasil: o longo caminho*, em 2001. Atuou também na área de divulgação: fez parte do conselho editorial da *Ciência Hoje* e da *Revista de História*, da Biblioteca Nacional.

Em sua passagem pela Universidade Stanford (EUA), onde concluiu o mestrado (1969) e o doutorado (1975) em ciência política, teve contato com nomes de peso das ciências sociais, como Gabriel Almond, Heinz Eulau, Sidney Verba. A tese de doutorado, em que analisa o perfil das elites políticas brasileiras no século 19 e sua relação com os partidos imperiais, deu origem a uma obra de fôlego, publicada em dois volumes: *A construção da ordem: a elite política imperial* e *Teatro de sombras: a política imperial*.

As principais instituições de ensino e pesquisa do país em humanidades contaram com o lampejo erudito de José Murilo. Ele ajudou a criar a pós-graduação em ciência política na UFMG e o doutorado na mesma área no Instituto Universitário de Pes-

quisas do Rio de Janeiro (Iuperj) e colaborou na pós-graduação em história na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orientou 12 monografias, 20 dissertações de mestrado e 19 teses de doutorado. Trabalhou ainda como pesquisador na Casa de Rui Barbosa e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. No exterior, foi pesquisador e professor visitante do Instituto de Estudos Avançados, em Princeton (EUA), nas universidades de Notre Dame, Irvine, Stanford (todas nos EUA), Leiden (Holanda), Oxford e Londres (Inglaterra) e na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (França).

Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Ciências e, no ano seguinte, da Academia Brasileira de Letras. Recebeu homenagens importantes, como a Medalha de Oficial e Comendador da Ordem de Rio Branco (1989), a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico (1998) e o Prêmio Almirante Álvaro Alberto (2008). Desde 2011, é professor emérito da UFRJ, onde lecionou por 12 anos até se aposentar.

Misto de historiador, sociólogo e cientista político, José Murilo é um intelectual que, como seu pai, preza a ética do trabalho e cultiva a honestidade, a correção e a civilidade. E como Aluizio Teixeira, ex-reitor da UFRJ, o definiu certa vez, é acima de tudo um grande pensador do Brasil.





Em 1939, nos braços da mãe, Maria Angélica Ribeiro, com o irmão mais velho e seu pai (no lado direito da foto). À esquerda, os avós e tios maternos. Ao fundo, fazenda Santa Cruz, construída em 1863 por Custódio Camilo Ribeiro, avô de José Murilo, onde ele viveu até os 10 anos



**Qual a origem de sua família? Como foi a sua infância?** Minha família é de origem portuguesa, de ambos os lados. Os Ribeiro, por parte de mãe, e os Carvalhos, de pai, vêm de Braga e da Ilha de Faial [nos Açores]. Chegaram a Minas no começo do século 18. Passei a infância na fazenda de Santa Cruz, fundada por meu bisavô, Custódio Camilo Ribeiro, em 1863. Existe até hoje. Não havia luz elétrica nem água. À noite, Cecília, empregada analfabeta descendente de escravos, contava histórias dos Irmãos Grimm para as crianças. Na época éramos cinco irmãos (depois vieram mais cinco). Sentados no chão da cozinha, de terra batida, ouvíamos essas histórias em volta de uma fogueira. Cecília reproduzia as histórias que tinha ouvido da mãe, que as ouvira da avó, que por sua vez as tinha ouvido provavelmente de alguém de origem portuguesa. Mas dava sua contribuição: ao falar dos castelos, para descrever a riqueza dos reis, dizia: “Tinha um castelo com uma horta cheia de couves”, ou então falava das “vacas batendo chifre no pasto”. O interessante é que nós, crianças brancas, fomos introduzidos à tradição do folclore europeu por uma analfabeta de origem africana! Contadoras de história como a Cecília fizeram um trabalho extraordinário na formação de várias gerações brasileiras, abrindo o reino da fantasia para as crianças. Alguns irmãos reunimos esses relatos no livro *Histórias que a Cecília contava* (editora UFMG).

**Em sua casa, as crianças trabalhavam, não é? Como era sua rotina?** Era dura. Acordávamos cedo para tirar leite. Andávamos descalços no barro. Meu avô fazia manteiga, que era levada em lombo de burro para a estrada de ferro e daí para o Rio de Janeiro. Não tínhamos água dentro de casa. O banheiro era fora. Em casa, usávamos penicos. E quem lavava os penicos éramos nós, as crianças. Entre as tarefas domésticas, a que mais me humilhava, no final do dia, quando meus tios chegavam cansados e tiravam as botas, era lavar seus pés. A gente trabalhava feito condenado. Eu gostava de lidar com as vacas, ajudando meus tios. Mas, apesar de toda a dureza – no inverno geava e era frio andar descalço –, lembro dessa época com saudade.

**Quando usou sapatos pela primeira vez?** Todo sábado havia uma sessão para tirar bicho de pé [risos]. Só usávamos sapatos quando íamos à cidade. Como [o naturalista francês Auguste de] Saint-Hilaire disse quando viajou por Minas, havia lá “cidades de domingo”. Os arraiais mais próximos, Piedade do Rio Grande e Santana do Garambéu, só enchiam nas festas – Natal, Semana Santa, Festa da Padroeira – e um pouco nos fins de semana. Aí a família inteira ia de carro de boi. Tínhamos uma casa lá, que ficava fechada. Só então púnhamos sapatos, que torturavam nossos dedos. Passei a usar sapato regularmente só quando fui para o internato.

**Sua educação inicial foi na fazenda?** Não fiz o primário. Fui alfabetizado por meu pai, junto com meus irmãos, no meio das vacas. Ele se formou em odontologia; o único da família a fazer curso superior. Um dia, ele viu um dentista prático tratando os dentes de sua mãe, que pegava o alicate e cortava os dentes dela, para depois colocar uma dentadura. Ela sofria desesperadamente. Foi então que decidiu ser dentista, para tratar dos dentes da mãe. Por inspiração de um tio, que tinha feito advocacia, foi estudar em Ouro Preto e terminou o curso em Belo Horizonte. Ele passou a valorizar muito a educação. A partir de seu exemplo, todos os irmãos e cunhados passaram a pôr os filhos na universidade. Ele costumava dizer: não vou deixar dinheiro para ninguém, vou deixar educação. Os 10 filhos fizeram curso universitário.

**Que idade tinha quando foi para o internato?** Foi em 1950. Tinha 10 anos. Fui com meu irmão mais velho para o Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont. Éramos crianças, quase nunca saíamos de casa e, de repente, nos levaram para longe. Um tio nos levou. Ficamos chorando. Foi terrível. Meu irmão não se adaptou; após um ano, escreveu para casa pedindo para sair. Eu fiquei mais tempo. Era uma crueldade, mas era comum na época e meu pai achava que tínhamos que ter uma educação formal. Nunca entendi bem por que não nos





José Murilo  
no Seminário  
Seráfico  
Santo Antônio,  
em Santos  
Dumont (MG)

colocou numa escola pública em Barbacena, mais perto. Fiquei lá uns cinco anos. O seminário marcou minha formação pela disciplina e pela orientação para as humanidades. Depois fui para outro seminário no Rio Grande do Sul.

**Alguma vez pensou em ser padre?** Era o que minha avó e minha mãe queriam, mas não eu. Fiquei no Rio Grande do Sul por três anos. Meu contato com a família foi ficando cada vez mais escasso. Depois fui para Divinópolis, para outro convento, de onde saí e entrei para a universidade. Queria fazer agronomia, mas não tinha base nas áreas de física, química, biologia, matemática. O ensino no seminário era clássico. Meu primeiro vestibular, em 1962, foi na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, para economia, curso de prestígio, mas na prova oral fui reprovado porque não consegui resolver uma equação de segundo grau. Então, numa segunda chamada, tentei o curso de sociologia política. Aí tirei de letra, fiquei em segundo lugar. Na FACE, estudavam vários alunos que se destacaram nacionalmente, como Herbert de Souza [Betinho], Henfil, Vinicius Caldeira Brant, Simon Schwartzman, Amaury de Souza, Bolívar Lamounier, Fábio Wanderley Reis, Cláudio Moura Castro, Edmar Bacha, Paulo Haddad. Havia quatro cursos lá: economia, administração de empresas, administração

pública e sociologia política. O diretor, Ivon Leite de Magalhães Pinto, era um déspota esclarecido. A faculdade funcionava muito bem e possuía um sistema de bolsas, pioneiro no Brasil, para alunos de graduação, criado pelo diretor. Era um Pibic [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica] *avant la lettre*.

**Como se mantinha em Belo Horizonte?** No primeiro ano de faculdade, depois de servir o exército, trabalhei. No segundo, ganhei a bolsa. Os bolsistas ficavam trancados o dia inteiro, vigiados por um porteiro. Para entrar ou sair, assinávamos num livro de ponto. Tínhamos que dar assistência aos colegas e escrever uma monografia por ano. Minha primeira monografia rendeu um artigo sobre poder local – ‘Barbacena: a família, a política e uma hipótese’ –, publicado em 1966 na *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, da Faculdade de Direito. O diretor da revista, Orlando Carvalho, me ajudou muito; um aluno de graduação publicar um artigo numa revista nacional era muito importante para a carreira.

**E a pós-graduação?** Quando estava me formando, em 1965, a Fundação Ford chegou ao Brasil. Antes dela, para fazer pós-graduação em ciências sociais só na Flacso [Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais], que funcionava em Santiago do Chile. Alguns de meus professores, como o Simon [Schwartzman], tinham feito mestrado lá. No Rio, a Fundação Ford apoiou o Iuperj (ciência política e sociologia) e o Museu Nacional (antropologia); em São Paulo, o Cebrap [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento] e, em Minas, a UFMG (ciência política). Ela foi responsável pelos primeiros cursos de pós-graduação em ciências sociais e ainda financiou um comitê interdisciplinar que antecedeu a Anpocs. Vários jovens professores e alunos dessas instituições foram aceitos para fazer pós-graduação em universidades americanas. Simon foi para Berkeley, Fábio [Wanderley] para Harvard, Amaury

de Souza e Antonio Octávio [Cintra] para o MIT [Massachusetts Institute of Technology], [Mário] Machado para Chicago, Bolívar [Lamounier] e César Guimarães para Los Angeles. Eu fui para Stanford. Do Iuperj, Wanderley Guilherme foi para Stanford, onde nos conhecemos.

**Essa diáspora aconteceu em plena ditadura militar...** Sim. Foi complicado, porque todos estávamos metidos em política. A Faculdade tinha liderança nacional. O Vinicius Caldeira Brant, que foi presidente da UNE [União Nacional dos Estudantes], o Betinho, Juarez Brito e outros estavam lá. Havia uma direita laica, truculenta, outra religiosa, da TFP [Tradição, Família e Propriedade] e uma esquerda dividida em AP [Ação Popular], PC [Partido Comunista] e Polop [Política Operária]. Eu fazia sindicato rural na AP. Depois do golpe, ficamos perdidos. Alguns professores foram presos, outros tiveram que sair do país. Então, a bolsa da Fundação Ford chegou na hora certa. Fui para os Estados Unidos em 1966 e voltei em 1969.

**Que pessoas mais influenciaram sua formação universitária?** O professor Francisco Iglesias, sem dúvida. Havia também o Júlio Barbosa, do ISEB [Instituto Superior de Estudos Brasileiros], que editou a *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, a mais importante do Brasil na área. Curiosamente, Belo Horizonte tinha nessa época as duas melhores revistas de ciências sociais do país: a do Júlio e a *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. O Iglesias acabou me influenciando na orientação para história. Era um excelente professor, adorava literatura e cinema, tinha contato com os principais intelectuais e literatos mineiros e com colegas da USP. Orlando Carvalho também foi importante por me fazer interessar por ciência política e, naturalmente, por publicar meus trabalhos.

**E, nos Estados Unidos, com quem conviveu?** Lá tive aulas com os mais conhe-

>>>



Em sua formatura em sociologia política na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1965

cidos cientistas políticos americanos do momento: Gabriel Almond, Sidney Verba, Heinz Eulau. Meu orientador era Robert Packenham, que estudava o Brasil. Outro professor foi o John Wirth, um brasilianista que escreveu sobre Minas Gerais e o período Vargas. O regime de estudo era pesado. Nunca estudei tanto, inclusive nos fins de semana.

**Sua tese de doutorado mudou a historiografia que existia sobre o império no Brasil, a partir de uma análise da elite política da época.** Elite política na época era palavrão. Trabalhei com elite, partidos, eleições, políticas públicas, usando muitas tabelas. A historiografia anterior ou era puramente descritiva ou era tributária do marxismo. Minha geração aprendeu história econômica do Brasil lendo Caio Prado Júnior [1907-1990] e Celso Furtado [1920-2004]. A tese deu origem a dois livros de história política do século 19.

**Esse é seu primeiro livro?** Não. Em Stanford, depois de terminar os créditos do doutorado, passei por um exame geral da matéria e voltei ao Brasil para fazer a tese, ao mesmo tempo em que ajudava a montar a pós-graduação. Foi quando Simon, que estava na Finep [Financiadora de Estudos e Projetos], me pediu um trabalho que virou li-

Membros do Comitê Assessor em Ciências Sociais (criado pela Fundação Ford) que deu origem à Anpocs, em 1978. Da esquerda para a direita, Shepard Forman e Priscila (representante e secretária da Fundação), Otávio Velho, Sílvio Maranhão, José Murilo, Fábio Wanderley Reis, Klass Wortman, Ruth Cardoso e Juarez Brandão Lopes. Agachado, abaixo, Boris Fausto



vro. A primeira edição de *A Escola de Minas de Ouro Preto* saiu em 1978 pela editora Nacional, com introdução do Iglesias. Esse talvez seja até hoje o livro mais marcadamente de história que escrevi. Fiquei 15 dias em Ouro Preto, com três bolsistas, escarafunchando todos os arquivos da Escola. Enquanto fazia a tese, escrevi ainda um capítulo sobre os militares – ‘As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador’ – para o segundo volume, tomo III, da *História geral da civilização brasileira*, organizado pelo Boris Fausto. O tema das forças armadas não fazia então parte da agenda das pesquisas acadêmicas. Enfrentei-o com o apoio de Edmundo Campos, que depois também veio para o IUPERJ.

**E como foi a volta dos Estados Unidos?** Voltamos, pelo menos eu, com visão positivista das ciências sociais, com muita ênfase na empiria. Até minha escrita enferrujou. Tinha aprendido a valorizá-la com meu pai, que fazia questão de falar e escrever corretamente. Ele era um ET na fazenda. Chamava os trabalhadores pelos nomes do registro de batismo. Um dia chamou um senhor José Clotilde, mas ninguém respondeu. Na terceira vez, alguém teve um estalo e disse: “Zé Colote, é você!” [risos]. O português dele era incompreensível para essas pessoas. Quando fui para o internato, a gente se correspondia, e toda carta que lhe mandava passava por seu cri-

vo gramatical. Iglesias, que prezava a língua e a literatura, também me influenciou nessa área. Nos Estados Unidos, perdi essa preocupação, o estilo não era valorizado. Ao voltar, tive que recuperar o português e o fiz quando comecei a escrever para jornal.

**Como foi montar a pós-graduação em Minas?** Começamos do zero, com apoio da Fundação Ford. Havia recursos para o envio de bolsistas ao exterior e também para pesquisa. Fiquei na UFMG de 1969 a 1978, quando vim para o IUPERJ, onde já existia um mestrado em sociologia e outro em ciência política. Ajudei a montar o doutorado. Quem me convidou foi Wanderley Guilherme. A essa altura, tinha percebido que, para estudar história nacional, era importante morar no Rio, porque aqui estavam os arquivos e bibliotecas nacionais. Os estudos de ciência política no Brasil, sobretudo na USP, seguiam uma orientação francesa, era mais filosofia política. Nosso grupo passou a fazer mais pesquisa empírica, a usar números, a diversificar o campo de investigação. Foi um corte. De algum modo, era o que Orlando Carvalho já vinha fazendo, apesar de sua formação em direito. Durante a ditadura não fazia sentido estudar partidos, eleições, congresso. Isso foi motivo de crítica. Mas quando veio a abertura passou a fazer sentido e já existia gente preparada para enfrentar esses temas. Mesmo assim,



ainda éramos um grupo de transição. Fazíamos ciência política, mas com perspectiva histórica e sociológica. Hoje a ciência política é mais especializada, virou uma politicometria. Não tenho qualquer empatia com isso.

**O senhor se sente mais cientista político ou historiador?** Na Casa de Rui Barbosa, comecei a trabalhar mais diretamente com história. Foi quando publiquei *Os bestializados* e depois *A formação das almas*. Esses livros têm muito a ver com um período marcante que passei no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, entre 1980 e 1981. A concepção dessa instituição é fantástica. Seu fundador escreveu um texto intitulado 'A utilidade do conhecimento inútil', em que delinea o que deveria ser o instituto. Teria um núcleo pequeno, com duas ou três pessoas de quatro áreas – matemática, física, história e ciências sociais. Cada ano convidariam uns 50 pesquisadores do mundo inteiro para passar lá um ano acadêmico. A tarefa seria pensar e escrever. As exigências eram almoçar com os colegas no Instituto – ouvindo sempre uma palestra –, participar de um grupo de discussão e, em caso de publicação, dar o crédito ao Instituto. O primeiro convidado para o corpo permanente foi Albert Einstein. Do Brasil, Fernando Henrique [Cardoso] foi um dos convidados. Lá encontrei Albert Hirschman, pessoa extraordinária, que acaba de falecer. Convivi também com Robert Darnton, Clifford Geertz, Michael Walzer, Ernst Gombrich, John Elliot e outros. Pessoas de alto nível. Um modelo institucional extraordinário, de luxo. *A formação das almas* tem muito a ver com o que aprendi em Princeton. Nesse livro, me afastei bastante da ciência política e me aproximei da história, com ênfase na história cultural – que na época quase inexistia em nossas universidades – e com proximidade da arte, da caricatura e da literatura. Já saíra do Império para a República em *Os bestializados*. Em *Formação* dei sequência à mudança cronológica, com alteração mais acentuada de abordagem.

**História pode ser considerada ciência?** Por muito tempo, a história foi uma variedade da retórica. O cientificismo histórico começou no século 19 com [Leopold von] Ranke. Mas as grandes obras de historiadores europeus são narrativas com um bom ingrediente de imaginação. Para completar um quadro histórico, há que se basear em dados, mas as fontes disponíveis nunca são suficientes. Não se pode dispensar a imaginação histórica. Boa parte dos historiadores positivistas acham que estão fazendo ciência, mas mesmo em sua obra há elementos ficcionais. Nesse sentido, a história está mais próxima da literatura, da antropologia e da etnografia do que das ciências exatas, ou mesmo da sociologia e da ciência política. Quando saí do IUPERJ e fui para o Departamento de História da UFRJ, em 1997, encontrei lá o mesmo tipo de abordagem: os alunos tinham que ter formação teórico-metodológica, adotar marco teórico, desenvolver hipóteses etc., típico da visão da história como ciência. Não vejo assim a história.

**Acha possível divulgar história?** Acho difícil divulgar história. Podem-se divulgar resultados de pesquisas históricas. Mas eles serão sempre provisórios e precários. A história do Brasil, qualquer história, está e estará sempre sendo refeita, não há uma verdade histórica, não há leis rígidas, há tendências, probabilidades, versões. A ideia de divulgar a história pode dar a impressão (e isto é o que a maioria dos leitores busca) de fixidez e de certeza, o que seria uma enganação, no máximo uma criação de memória.

**É na vinda para o Rio que o grande público começa a frequentar sua obra?** Sim, foi a partir de *Os bestializados*, de 1987, que já está na 20ª reimpressão, assim como *A formação das almas*. Do primeiro, já foram vendidos cerca de 80 mil exemplares. Quando vim para o Rio, comecei também a escrever em jornais. Publiquei o primeiro artigo no jornal *Política*, a convite de Oliveira Bastos e Sebastião Nery. Mas onde mais publiquei, a partir da década de



1980, foi no *Jornal do Brasil*. Creio que ganhei alguma visibilidade em 1989, no centenário da República, quando o caderno 'Ideias' do *Jornal do Brasil* me concedeu o título de 'intelectual do ano'. Na ocasião, José Castello publicou uma longa entrevista comigo sob o título 'Ainda não proclamamos a República'. Com a experiência jornalística, tive que aprender a escrever para o grande público de forma clara, simples, concisa. O aperfeiçoamento da escrita é processo que não tem fim, até hoje é uma batalha. Foi talvez em *Dom Pedro II*, destinado ao grande público, que mais caprichei na escrita.

**Como foi sua passagem do IUPERJ para a UFRJ?** No IUPERJ eu não tinha dedicação exclusiva, porque também trabalhava na Casa Rui, onde fiquei de 1986 até 1996. Poderia ter ficado por lá, mas, na época, o [Luiz Carlos] Bresser-Pereira estava ameaçando demitir todo mundo que não tivesse concurso. Então fiz concurso para professor titular da UFRJ em 1997, onde permaneci até me aposentar, em 2009. Deram-me em 2011 o título de professor emérito, o que me permite continuar exercendo atividades, como dar aulas, orientar alunos, participar de reuniões.

**Junto com o jurista Celso Lafer, o senhor é o único brasileiro a ser membro das academias brasileiras de Letras (ABL) e de Ciências (ABC). Como foi sua entrada nesse mundo?** Não estava em meus planos fazer parte da ABL. Achava-a



## perfil

José Murilo com seu filho, Jonas, em 1986



Com seu pai, Sebastião Carvalho de Souza, na casa paterna em Belo Horizonte, na década de 1990

Na posse da Academia Brasileira de Letras, em 2004, com sua mulher, Norma



distante e diferente da universidade. O [Luiz] Werneck [Vianna] foi o primeiro a me dizer que deveria pensar no assunto. Então comecei a rever minha posição, tive contato com pessoas lá de dentro e passei a aceitar a ideia. A entrada para a ABC foi diferente. Um dia recebi a informação de que tinha sido eleito. Há grande diferença entre as duas academias no que se refere ao processo de eleição. A ABC segue critérios estritamente meritocráticos; ninguém pode candidatar-se nem pedir votos. A ABL segue o modelo da Académie Française, que se poderia chamar de aristocrático, embora ela tenha sido fundada por republicanos. Na escolha de seus membros entram vários critérios além do mérito literário, como amizades, conexões, prestígio social. Pertencer às duas é de fato algo raro. Em meu caso, talvez se deva em parte às características de minha carreira. Sinto-me muito honrado em ser membro das duas.

**O senhor formou uma geração inteira de pós-graduados...** Foram cerca de 50 entre doutores, mestres e alunos de iniciação científica. A experiência foi rica e variada. Houve orientandos muito bons, outros nem tanto. Sempre pensei em escrever um pequeno texto criando uma tipologia de orientandos [risos]. O melhor orientando é aquele que após discutir as ideias centrais do projeto caminha sozinho, faz consultas ocasionais e um dia aparece com a

tese, como a Maria Alice Carvalho. O pior é o inseguro, que exige atenção constante e cujo texto tem que ser revisado, tornando-se o orientador quase um coautor da tese. Orientar exige sabedoria, capacidade de adaptação às características de cada aluno. O equilíbrio entre incentivo e cobrança varia conforme o estudante. Alguns precisam de prazos rígidos, outros paralisam quando muito cobrados.

### Com relação aos livros que publicou, tem algum que considere mais importante?

Livros são filhos, não é bom preferir um aos outros. Mas a primeira publicação a gente nunca esquece. Refiro-me ao estudo sobre Barbacena que já combinava história e teoria social. O capítulo sobre as forças armadas foi contra a corrente. Liberais não estudavam militares na política por considerarem a intervenção uma aberração; para marxistas, militares eram simplesmente o braço armado do estado burguês. O artigo foi publicado em 1974, em plena ditadura militar. Os dois livros resultantes da tese de doutorado também foram contra a corrente e só depois do fim da ditadura passaram a ser mais lidos. Mas um artigo e um livro me deram muito prazer em escrever. O artigo foi 'Os bordados de João Cândido', publicado em *Pontos e bordados* em 1998. Resultou de uma dessas descobertas inesperadas. Estava no Museu de Arte Regional de São João Del Rei, quando al-

guém me perguntou se conhecia os bordados do João Cândido. Paralisei. Nunca tinha ouvido falar disso. Como eles teriam ido parar em Minas? Quem os levou? Para encurtar a história, um sargento da tropa de S. João que foi chamado ao Rio durante a Revolta da Vacina tornou-se carcereiro de João Cândido, com quem fez amizade e de quem ganhou duas toalhas bordadas que depois doou ao Museu. A partir dos bordados, à maneira de Clifford Geertz, tentei entender João Cândido e a Marinha. O livro é *A formação das almas*, de que já falei e que acaba de sair nos Estados Unidos com o título *The formation of souls*.

**Nos últimos anos, o senhor vem recuperando e publicando textos históricos importantes, que estavam perdidos nos arquivos, fazendo edições em que eles aparecem contextualizados e com ensaios introdutórios. Quais são os principais trabalhos nesse sentido?** Alguns desses livros têm a ver com a recuperação da obra de autores tornados malditos, como Oliveira Viana. Outros, com autores importantes, mas pouco valorizados como o visconde do Uruguai (*Ensaio sobre o direito administrativo*) e José de Alencar (as





Na posse na Academia Brasileira de Ciências, em 2003, com seu filho, Jonas, sua mulher, Norma, e seu enteado, Diogo

*Cartas de Erasmo*). Outros trazem material novo. Com Leslie Bethell, coletamos e publicamos a correspondência de Joaquim Nabuco com os abolicionistas britânicos. Com Leslie e Cícero Sandroni, levantamos, sob o patrocínio da ABL, todos os artigos de Nabuco como correspondente internacional do *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *o Jornal do Brazil*, e *La Razón* do Uruguai. O livro deve sair neste semestre pela Global em coedição com a ABL. Há também os livros apoiados pelo Pronex [Programa de Apoio a Núcleos de Excelência]. Um grupo de pesquisa (Pronex) financiado pelo CNPq e pela Faperj, formado por cerca de 20 colegas de várias universidades, vem desenvolvendo trabalhos sobre o século 19. Já publicamos quatro volumes coletivos e promovemos quatro seminários internacionais. A ideia do projeto era trabalharmos juntos para produzirmos uma visão integrada do século 19. A historiografia sobre o Oitocentos tem-se desenvolvido muito, mas de maneira fragmentada. Tentamos promover um diálogo entre as várias especializações, porque hoje é quase impossível para um pesquisador isolado cobrir todo o período de maneira integrada e inovadora. Descobrimos que também não é fácil para um grupo chegar a esse resultado. Fico pensando se ainda não é cedo para abandonarmos o ensaísmo criativo à maneira de Sérgio Buarque e Raymundo Faoro.

**Ainda há uma longa lista de apresentação de livros de autores, que foram seus estudantes.** É verdade. Ser orientador quase exige apresentar o trabalho dos orientandos. Há vários livros de ex-orientandos da UFMG, do Iuperj e da UFRJ com orelha ou introdução minha. Já me chamam de otorrino de livros [risos]. Mas a primeira orelha que escrevi foi de *Doces lembranças*, as memórias de meu pai, Sebastião Carvalho de Souza. Tinha uma enorme admiração por ele. Era um homem de forte apego à família, grande senso de responsabilidade, honestidade quase irritante, absoluta correção moral e que valorizava o trabalho de forma extraordinária. Disse dele que tinha a ética protestante sem o espírito do capitalismo [risos]. Viveu 93 anos. Minha mãe ainda vive, está com 95.

**Falando um pouco de sua vida familiar, quando começou a namorar, a casar? Porque foram vários casamentos...** Foram quatro. Só fui casar depois que voltei dos Estados Unidos, com a socióloga Laura da Veiga, então minha aluna na pós-graduação na UFMG, uma profissional séria e muito competente. Nos separamos logo antes de eu vir para o Rio. Aqui, vivi quatro anos com a historiadora Maria Cecília Velasco e Cruz. Meu terceiro casamento foi com a jornalista Sandra Regina, que já tinha um filho, Diogo Louzada. Ficamos juntos 15 anos. Com ela tive meu único filho, Jonas, hoje com 26 anos. Ele estudou cinema na PUC-Rio e se especializou em sonoplastia. Desde 2001, vivo com a historiadora Norma Cortes [Gouveia de Mello], com quem me casei em 2009. Norma é professora de história da UFRJ e uma excelente crítica de meus trabalhos.

**O senhor obteve homenagens e prêmios importantes, como o Jabuti e o Almirante Álvaro Alberto. Entre tantas premiações, de qual se orgulha mais?** Sem dúvida, o Álvaro Alberto. É o grande prêmio dos pesquisadores brasileiros, o nosso Nobel. Foi grande honra tê-lo recebido. Os dois Jabutis também muito me honraram, sobretudo por valoriza-

rem também a escrita. Meu único prêmio internacional foi o Casa de las Américas, do governo cubano, pelo livro *Cidadania no Brasil*. Em matéria de homenagem, destaco os títulos de pesquisador emérito do CNPq (2008) e o de professor emérito da UFRJ (2011). Para satisfação minha, o processo de concessão deste último foi deslançado por um abaixo-assinado de 500 alunos – a maioria da graduação. E isso sem nunca ter sido professor que paparica aluno. Pelo contrário, muitos me achavam exigente demais.

**Em que o senhor vem trabalhando ultimamente?** Em um grande projeto com a professora Lúcia Bastos, da Uerj, e o professor Marcello Basile, da UFRRJ [Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro], de levantamento e publicação dos panfletos da independência (1820-1823). Os panfletos manuscritos acabam de ser publicados pela Cia. das Letras/UFMG com o título *Às armas, cidadãos!*. Os panfletos impressos, cerca de 350, devem começar a sair este ano. Calculamos um total de quatro volumes de umas 800 páginas cada. O material estava disperso em vários locais, como as bibliotecas nacionais do Rio, de Lisboa e do Uruguai, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo do Itamaraty, a biblioteca de José Mindlin, e a Oliveira Lima, de Washington. A ideia é colocar todo esse material, acompanhado de introdução e notas, à disposição dos pesquisadores. Os panfletos dão uma ideia nova da independência. Se não houve uma guerra de tiros, houve – para usar uma expressão da época – uma guerra literária, um grande debate transatlântico de ideias, proposições e projetos.

**Se o senhor tivesse que se autodefinir em poucas palavras, o que diria?** Nunca me perguntaram isso. É constrangedor. Tenho tentado ser um profissional honesto, dedicado ao trabalho, cumpridor de meus deveres. Nada excitante. Herdei isso de meu pai. Pelo resto, a vida e os amigos, como vocês, me têm tratado muito bem. **CR**